

OS CONTOS DE FADAS E A FORMAÇÃO DO SER HUMANO.

Kelly Haro Beneton

RESUMO: Mais do que um simples contador de histórias, o professor que trabalha com crianças e utiliza-se da magia dos contos de fadas, consegue fazer com que a mente de seus alunos realmente voe. Apesar de viverem em um mundo onde não existem palácios ou lindas florestas, os jovens estão sempre em busca do desconhecido, do que parece “mágico” como nos contos de fadas, na maioria das vezes contrariando os avisos de perigo dados pelos pais. metodologia que será utilizada neste estudo é a pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece Meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos, como também permite explorar novas áreas onde os mesmos não se cristalizaram suficientemente. Permite também que um tema seja analisado sob novo enfoque ou abordagem, produzindo novas conclusões.

PALAVRAS CHAVE: conto, conto de fadas, literatura infantil, formação.

ABSTRACT: *More than just a storyteller, the teacher who works with children and uses the magic of fairy tales, can cause the minds of their students actually fly. Despite living in a world where there are palaces and beautiful forests, the youth are always in search of the unknown, of what seems "magical" as in fairy tales, mostly contradicting the warning signs given by the parents. methodology to be used in this study is literature, because it offers means that assist in defining and resolving known problems, but also to explore new areas where they are not sufficiently crystallized. Also allows a subject to be analyzed under new focus or approach, producing new findings.*

KEYWORDS: *tale, fairytale, children's literature, training.*

1. INTRODUÇÃO

Mais do que um simples contador de histórias, o professor que trabalha com crianças e utiliza-se da magia dos contos de fadas, consegue fazer com que a mente de seus alunos realmente voe.

Apesar de viverem em um mundo onde não existem palácios ou lindas florestas, os jovens estão sempre em busca do desconhecido, do que parece “mágico” como nos contos de fadas, na maioria das vezes contrariando os avisos de perigo dados pelos pais.

Cada conflito apresentado nos contos tem certa relevância ao comparar-se à vivência que cada ser humano possui. Rivalidade entre irmãos, apego ou aversão ao pai do mesmo sexo, um herói-modelo, o sujeito que sempre se dá mal e, de repente, é abençoado por uma espécie de milagre, são situações que fazem parte não apenas dos contos, mas também existem na vida real. Sendo assim, subjetiva ou objetivamente, através dos contos de fadas a criança começa a descobrir que a vida irá lhe apresentar algumas dificuldades, as quais podem ser superadas desde que haja uma atitude coerente, sensata e tranqüila. E isto não acontece de uma hora para outra, como demonstram os heróis que realizam, por si mesmos, diversas provas e obstáculos:

“A única forma de nos tornamos nós mesmos é através de nossas próprias realizações”. (Bettelheim, 1980, p. 173).

No mundo de hoje, os valores exaltados pela sociedade capitalista estão voltados para o individualismo, a busca da beleza externa perfeita, o poder financeiro e a magia existente principalmente na infância dissipa-se prematuramente.

A violência descontrolada entre pais e filhos, a sexualidade precoce, roubos, crimes em geral, são as únicas respostas que as crianças encontram para suas dúvidas e angústias, pois os meios de comunicação – principalmente TV e Internet – apresentam tudo isso de forma desmedida e incoerente, sem pensar que a maioria das crianças não têm maturidade psicológica para interpretar tudo o que vêem e ouvem através deles.

O contato com a magia dos contos de fadas, permite que a criança consiga analisar, compreender e suprimir os conflitos pelos quais passa em sua vida. De forma inconsciente, os contos de fadas farão parte da vida do ser humano permanentemente, como prova a Psicanálise.

“Não é surpreendente descobrir que a psicanálise confirma nosso reconhecimento do lugar importante que os contos de fadas populares alcançaram na vida mental de nossos filhos. Em algumas pessoas, a rememoração de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância; elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras”. (Freud, 1913, p. 355).

Os contos de fadas não são a grande “arma” para salvar o mundo, mas são um grande instrumento para formar e transformar seres humanos. O objetivo do trabalho com os contos de fadas é compreender a importância e sua utilização no trabalho psicopedagógico.

A metodologia que será utilizada neste estudo é a pesquisa bibliográfica, pois a mesma oferece meios que auxiliam na definição e resolução dos problemas já conhecidos, como também permite explorar novas áreas onde os mesmos não se cristalizaram suficientemente. Permite também que um tema seja analisado sob novo enfoque ou abordagem, produzindo novas conclusões.

Através deste método, viabiliza-se agrupar em uma única base de dados todas as informações coletadas, cujas fontes encontram-se em bibliotecas, órgãos públicos, coleções particulares de professores e amigos, publicações, entre outros.

2. A ORIGEM DOS CONTOS DE FADAS

Segundo Marie Louise Von Franz (*apud* GIGLIO, 1991, p. 3), os contos de fadas surgem a partir de modelos padrões de seres humanos, grandes exemplos a serem seguidos. Antigamente, para viabilizar o sustento de suas famílias, os caçadores, lenhadores e pastores ficavam, durante muito tempo, sozinhos nas montanhas, florestas e campos. Muitas vezes eram acometidos por uma visão interior muito forte que os sobressaltava por inteiro. Ao voltar para suas respectivas aldeias, relatavam o acontecido de forma empolgante. Essas histórias transformavam-se em lendas e, viravam “contos maravilhosos”.

O mito ressaltado dentro dessas visões espontâneas é compreendido como um pensamento essencialmente pré-racional, elementar e arquetípico. Os arquetípicos por definição, são fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em imagens, de modo típico.

Segundo Jung (*apud* GIGLIO, 1991, p. 15), os contos de fada constituíram através dos séculos instrumentos para a expressão do pensamento mítico, perpetuando-se no tempo por desempenharem uma função psíquica importante relacionada ao processo da individuação: através deles toma-se consciência e vivencia-se arquétipos do inconsciente coletivo. Esses

arquétipos, por sua vez, ao serem trazidos à consciência e dramaticamente vivenciados permitem à Psique cumprir as etapas de integração progressiva do desenvolvimento da persona, conscientização da sombra, confrontação com a *anima* / *animus* e outros arquétipos, e finalmente atingir um estado onde a comunicação Ego-Self seja fluente e criativa (*apud* THOMPSON, 1969: 152). Ainda sob o ponto de vista de Jung (*apud* THOMPSON, 1969, p. 152), existe um lado masculino e um lado feminino em cada um de nós. Se o masculino é dominante, o feminino é recalcado. Para que o indivíduo tenha um bom desenvolvimento é necessário desenvolver ambos os aspectos.

Em cada um de nós existem quatro características principais: pensamento, sentimento, sensação e intuição. Estes formam pares de oponentes. Nos homens o pensamento e a sensação habitualmente são características conscientes, ao passo que o sentimento e a intuição encontram-se recalcados. Nas mulheres predominam sentimentos e intuição. O lado feminino recalcado do homem é denominado *anima*, o lado masculino da mulher é o seu *animus*.

Franz (*apud* GIGLIO, 1991, p. 6) diz que os contos de fada numa visão junguiana são uma representação simbólica de problemas gerais humanos e suas soluções possíveis, ou seja, as representações da fantasia são tão primárias e originais como os próprios desejos e instintos. Nos conteúdos dos contos de fada é possível ver uma projeção dos estágios originais e arquetípicos do desenvolvimento da consciência humana. Nos símbolos do inconsciente, nos sonhos e fantasias, encontram-se os mesmos princípios da expressão dos mitos e contos de fada, o que, representa um recurso fundamental no processo do desenvolvimento humano.

Na afirmação de Araújo (1980, p. 39), para Jung certas lendas, mitos e símbolos têm origem na infância da humanidade em que faltando recursos intelectuais, o homem apresentava uma disposição natural para aceitar o sobrenatural. Assim, a criação de seres fantásticos e a busca de soluções mágicas que superem uma realidade cheia de limitações, seriam uma necessidade psicológica do ser humano. Dessa forma, o inconsciente coletivo preservaria uma necessidade de retornar às origens do homem, revivendo experiências anteriores da humanidade.

À luz da psicanálise, os contos de fadas têm a possibilidade de revelar conflitos de cada um e a forma como podem ser superados, recuperando a harmonia existencial. Assim a luta entre o bem e o mal é acontece numa terapia onde se pode não apenas analisar de forma direta a

personalidade, mas também trabalhar com sentimentos inconscientes do ser humano, revelando sua verdadeira personalidade.

2.1 – Contos de Fada e Realidade: um significado para a vida

Durante nossa vida, passamos um longo tempo buscando um significado para ela. Descobrimos, com o passar do tempo, que não depende de idade cronológica para que isto aconteça. Cada um amadurece consoante às vivências que teve.

“Uma compreensão do significado da própria vida não é subitamente adquirida numa certa idade, nem mesmo quando se alcança a maturidade cronológica. Ao contrário, a aquisição de uma compreensão segura do que o significado da própria vida pode ou deveria ser é o que constitui a maturidade psicológica. (..) Apenas na idade adulta podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo a partir da própria experiência nele vivida”. (BETTELHEIM, 1980, p. 9)

A criança em contato com os contos de fadas, tem a possibilidade de imaginar, criar, transportar sua mente e conhecer-se, descobrindo inconscientemente soluções para os conflitos que ela vivencia a cada momento. Ela aprende não apenas a lidar com suas próprias situações, mas também adquire o discernimento necessário para relacionar-se com os outros. Tudo isso, inevitavelmente, será levado inconscientemente para a vida adulta, onde normalmente existe a necessidade social de “esconder” sua relação com os contos de fadas, mas é o que permite que decisões sejam tomadas com firmeza e segurança. Crianças estimuladas em sua criatividade e imaginação são mais resolvidas e, provavelmente, serão adultos decididos e sensatos.

“Quanto mais tentei entender a razão destas estórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e - sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe - oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. Esta é exatamente a mensagem que os contos de fada transmitem à criança

de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana - mas que se a pessoa não se intimida, mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa”. (BETTELHEIM, 1980, p. 15)

Ao contrário do que muitos pais pensam a criança só terá uma idéia clara sobre o significado da vida, uma compreensão madura sobre ela mesma e o mundo na medida em que desenvolve seu corpo e mente. Ambos são processos lentos que precisam ser respeitados.

Hoje, como no passado, a tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso.

2.2 – A criança e os contos de fadas

As histórias de bruxas malvadas, princesas presas em altas torres e cavaleiros corajosos fazem parte das histórias repetidas por vários séculos e nunca deixam de ser atuais. Todos os contos de fadas tratam de conflitos humanos (consigo e com os outros) e trazem mensagens essenciais ao desenvolvimento da criança. Em todos eles encontramos narrativas sobre nascimentos, rupturas de laços de família, sucessos e fracassos. Quando a criança ouve essas experiências, ela se familiariza com tramas que envolvem persistência e coragem, passa a compreender a dicotomia entre o bem e o mal e é estimulada a superar dificuldades. Os exemplos estão em diversos personagens como: Chapeuzinho Vermelho, Patinho Feio e Rapunzel.

Para que a criança consiga dominar seus problemas psicológicos ela precisa entender o que está passando dentro dela mesma. Esta é uma habilidade que pode ser treinada através dos contos de fadas.

“...a criança necessita entender o que se está passando dentro de seu eu inconsciente. Ela pode atingir essa compreensão, e com isto a habilidade de lidar com as coisas, não através da compreensão racional da natureza e conteúdo de seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele através de devaneios prolongados - ruminando, reorganizando e fantasiando sobre elementos adequados da estória em resposta a pressões inconscientes. Com isto, a criança adequa o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os

contos de fadas têm um valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente por si só. Ajuda mais importante: a forma e estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção à sua vida. (BETTELHEIM, 1980, p. 16)

As mensagens existentes nos contos de fadas nem sempre são percebidas por pais ou professores, pois foram feitas para o público infantil e não podem ser analisadas pelo ponto de vista dos adultos. Até os 06 anos de idade não existe uma compreensão da lógica abstrata do mundo e, por isso, a criança faz paralelos entre a história narrada e o mundo concreto, identificando-se inconscientemente com os personagens e buscando na linguagem fantástica explicações para seus sentimentos como medo e raiva. Essas são vivências fundamentais para a formação de uma personalidade bem estruturada.

Na sociedade atual, as crianças são extremamente exigidas em função do mundo em que vivem: praticar esportes, dominar outros idiomas, tirar notas altas, serem boazinhas, obedientes e, principalmente, eficientes em tudo o que fazem. Além de tudo isso, ainda precisam se confrontar com obstáculos naturais da vida, que por vezes as fazem lidar com situações difíceis de serem elaborados até mesmo por um adulto.

Os contos de fadas exercem um papel importante na formação da personalidade da criança, pois ela não só se identifica com os personagens, como também aprende que é possível vencer obstáculos e no final, saírem triunfantes, como os heróis das histórias.

“Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeira identidade”. (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

3. – A magia na intervenção clínica

Os contos de fadas como ferramentas na intervenção psicopedagógica, permitem que a criança faça uma viagem ao mundo da imaginação e isso se transporta à sua vida real de forma inconsciente, mas efetiva.

3.1 – Os personagens e suas lições

Segundo o psicólogo Bruno Bettelheim, os contos de fadas ajudam as crianças a compreender seus problemas interiores através de dilemas e dramas vividos pelos personagens. Abaixo descreveremos uma síntese sobre alguns personagens destacados na obra do referido autor e seus respectivos ensinamentos:

Cinderela: a compreensão de dilemas como a morte, a formação de uma nova família e as diferenças sociais estão presentes nesse conto. Ele mostra que mais importante do que se agarrar à riqueza ou à aparência – o que faziam as irmãs, filhas da madrasta de Cinderela – é ser verdadeiro consigo mesmo. Isso sim garante êxito final.

Os Três Porquinhos: planejar e trabalhar arduamente ajuda a vencer o inimigo, aqui ilustrado pelo lobo. A história também mostra a vantagem de crescer, porque o mais velho dos irmãos é também o mais sábio. Mais uma vez a criança é lembrada de que, com o desenvolvimento de sua inteligência, pode sair vencedora contra um inimigo mais forte.

Rapunzel: o conflito entre a mãe e a filha, que tenta ganhar sua independência, mas é impedida, é explorado nessa trama. Mesmo trancada em uma torre, a moça se une ao príncipe usando suas próprias tranças. A metáfora permite à criança perceber que a solução está nela mesma e que seu corpo é também uma fonte de segurança. Outra mensagem é que o amor egoísta não traz coisas boas.

João e Maria: o maior medo de qualquer criança, o de ser abandonado, é tratado no conto. Os pais são vistos como uma fonte de proteção e alimento. Ter garantidos continuamente esses cuidados traz ansiedade aos pequenos, principalmente àqueles que começam a realizar atividades com autonomia, como ir à escola. No fim, mesmo sem a ajuda dos pais, os dois irmãos vencem um grande desafio: escapar da bruxa.

Chapeuzinho Vermelho: toda criança ouve sempre os alertas dos adultos para não falar com pessoas estranhas e para prestar muita atenção por onde anda. Apesar de distrair-se errando o caminho e deparar-se com um lobo que queria devorá-la, como fez com sua vovozinha, ela acaba sendo salva por um estranho bondoso. Ainda há pessoas que fazem o bem, sem interessar a quem.

Como vimos, cada conto tem sua relação com a vida da criança. Todos estes, e muitos outros, têm lições que são projetadas à vida adulta inconscientemente e podem ajudar-nos a compreender, no futuro, como eles nos ajudam diariamente a solucionar nossos próprios problemas e dificuldades. Cabe aos adultos oferecer às crianças esta incrível possibilidade, exercitando sua imaginação e fortalecendo sua personalidade.

3.1.1. – Os contos como ferramentas psicanalíticas

Encontraremos diversas dificuldades no processo de aprendizagem, que poderão estar relacionadas a fatores específicos, ambientais e orgânicos. Segundo Carvalho e Cuzin (2008, p.21): “apropriar-se das habilidades de flexibilidade, empatia, ter “jogo de cintura”, para conquistar seu espaço de atuação, mostrando-se um mediador e aliado às necessidades do sujeito, da escola e da família.”

Os contos de fadas poderão ser utilizados na intervenção psicopedagógica para que a criança se aproprie do processo de alfabetização, uma vez que o objetivo do tratamento psicopedagógico é a “desaparição do sintoma e a possibilidade para o sujeito de aprender normalmente ou, ao menos, no nível mais alto que as suas condições orgânicas, constitucionais e pessoais lhe permitam.” (PAÍN, 1985, p.80).

Para Campos; *et.al* (1998, p.09):

Os contos sempre surgem *dilemas existenciais*: a rivalidade fraterna, a diferenciação mãe/criança (constituição do ego), a triangulação (mãe/pai/criança), o Complexo de Édipo, a angústia da castração (falta, perda)... , porém nos contos são passados de uma forma que a criança ouvindo tais acaba entendendo o que acontece com seu “eu”.

Alguns contos foram selecionados para o trabalho de Intervenção Psicopedagógica: João e Maria, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Cinderela.

No conto João e Maria, a criança poderá elaborar questões, como por exemplo, angústia, castração, a fase oral, a quebra do vínculo materno, a rivalidade. Já no conto Chapeuzinho Vermelho poderá elaborar a dificuldade da luta que seguramos de fazermos coisas certas ou erradas. Na história Branca de Neve, percebemos que as experiências são bem difíceis, mas temos que passar por elas para o nosso crescimento. E por fim o conto da Cinderela, neste podemos perceber a grande rivalidade entre as irmãs adotivas e a borralheira. Esta rivalidade é necessária, uma vez que a criança aprende a elaborar suas frustrações internas e conquistar os sentimentos de confiança, estes tão preciosos para o seu amadurecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A parceria entre a instituição escolar e a família torna-se a base para que a criança sinta-se segura em sua aprendizagem.

Os Contos de Fadas para o psicopedagogo são ricos na intervenção psicopedagógica, uma vez que com estes podemos trabalhar com o paciente: a alfabetização, observar a parte psicanalítica, autonomia da criança, imaginação e por fim a parte cognitiva. Porém para isto tanto na escola quanto na família os livros e os contos devem estar a disposição para a criança, em altura para que esta se sinta a vontade em pegar e folhear tais matérias.

Nós como psicopedagogos temos a ciência que as atividades com contos de fadas exigem das estruturas cognitivas, como por exemplo, a classificação, a seriação, associação e estruturação das frases e dos textos de tais contos.

Acredito que especificamente com o caso apresentado serão necessárias mais sessões de intervenções para que todos os sintomas sejam minimizados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FREUD, Sigmund. *A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas*. Obras Completas de Sigmund Freud. Volume XII, 1913.
2. FRANZ, Marie-Louise Von. *A Interpretação dos Contos de Fada*. 3ª ed. Trad. Maria Elci Spaccaquerque Barbosa. São Paulo: Paulus, 1990.
3. GIGLIO, Zula Garcia (org). *Contos Maravilhosos: Expressão do Desenvolvimento Humano*. Campinas: NEP/UNICAMP, 1991.
4. BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.